

Da inesquecível derrota de 1950 à eufórica vitória de 1958: a obsessão do futebol entre os contos de “A vida como ela é...”*

Natasha Santos**

André Mendes Capraro***

Resumo. O objetivo do presente artigo é analisar dois contos futebolísticos de Nelson Rodrigues, compreendendo elementos da subjetividade atrelada ao esporte. Para tal, utiliza-se da literatura enquanto um amálgama da autonomia do autor e do contexto em que se insere. Nelson Rodrigues aponta para um mal-estar na civilização ocasionado pela constante renúncia aos desejos, e o futebol seria um prazer substituto a essas repressões. Contudo, o futebol é também causador desse mal-estar coletivo, sobretudo, pelas derrotas em Copas do Mundo, quando ressurge o drama brasileiro do sentimento de inferioridade, descrito por Nelson.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Futebol; Literatura; Conto.

From the unforgettable defeat in 1950 to the tremendous victory in 1958: Obsession for football in the short stories “A vida como ela é...”

Abstract. Two short stories on football by Nelson Rodrigues, focusing on subjectivity linked to sports, are analyzed. Literature is employed as an amalgam of the author’s independence and the context in which they are inserted. Nelson Rodrigues pinpoints anxiety in civilization brought about by the constant renunciation of desires, whereas football would be the substituting compensation for repressions. However, football may also be the cause of collective anxiety especially when defeats in World Cup occur and thus deepen the Brazilian inferiority complex drama.

Keywords: Nelson Rodrigues; Football; Literature; Short story.

* Artigo recebido em 18/10/2012. Aprovado em 14/08/2013.

** Programa de Pós-graduação em História da UFPR, Curitiba/PR, Brasil. E-mail: nata.shas@ig.com.br

*** Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFPR, Curitiba/PR, Brasil. E-mail: andrecapraro@onda.com.br

De la inolvidable derrota de 1950 a la eufórica victoria de 1958: la obsesión del fútbol en los cuentos de “La vida como realmente es...”

Resumen. El objetivo de este artículo es analizar dos cuentos futbolísticos de Nelson Rodrigues, comprendiendo elementos de la subjetividad vinculada al deporte. Para ello, se parte de la literatura como una amalgama de la autonomía del autor y del contexto en el que se insiere. Nelson Rodrigues resalta un malestar en la civilización, ocasionado por la permanente renuncia a los deseos y que el fútbol sería un placer sustituto de esas represiones. Sin embargo, el fútbol también sería la causa del malestar colectivo, especialmente, durante las derrotas en los mundiales, cuando resurge el drama brasileño del sentimiento de inferioridad, descripto por Rodrigues.

Palabras Clave: Nelson Rodrigues; Fútbol; Literatura; Cuento.

Introdução

Ao título de “Não tenho culpa que a vida seja como ela é”, Nelson Rodrigues descreve seus contos diários utilizando-se do mesmo formato com que narra os adultérios e mortes, inclusive tratando sua história na coluna do *Última Hora*, com a mesma dramaticidade. Nelson busca, ainda, justificar o motivo de tantas mortes e traições, alternadas a pequenas nuances de comicidade, que o próprio autor não gostava de admitir, haja vista o sentido pejorativo da comédia diante do meio intelectual.¹

O autor deixa clara a influência do teatro no seu texto, a qual se daria não só pela tragédia, mas também pela dramaticidade que atribuiria aos crimes da página policial. Todavia, *A Vida Como Ela É...*, mais do que a proximidade ao teatro, significaria popularidade e renda ao dramaturgo (SANTOS, 2012).

¹ E, como não bastasse a vida mesma, tão triste e tão feia, restaria ainda, para amargurar esta coluna, minha condição teatral. Bem ou mal, sou dramaturgo. E, para mim, o teatro se reduz ao gênero trágico. Acho a peça para rir tão absurda e falsa como o seria uma missa cômica (RODRIGUES, 13 jun. 1952. In: RODRIGUES, 2009, p.13).

E são nas idas e vindas dessa complexidade dramaturgica que, vez ou outra, aparecia uma temática leve, porém atrelada a sentimentos abissais, como a obsessão corrosiva ou a paixão capaz de mudar os rumos da vida do torcedor. O futebol, assunto dos bares e esquinas, chegava à literatura dos jornais, dividido pela ficção dos que narram uma trama e pelas mazelas ou expectativas da vida comum, mas sempre carregado de demasiada subjetividade. Neste sentido é que se estabelece o artigo, a fim de tecer, a partir da análise de dois contos futebolísticos de Nelson Rodrigues, considerações sobre a subjetividade atrelada ao esporte, sobretudo no que se refere à derrota na Copa do Mundo de 1950, retomada mesmo após a vitória em 58.

Para tal, pensa-se a literatura enquanto um amálgama entre a autonomia do autor (texto) e o contexto em que este se insere (CANDIDO, 2000), pode-se falar, por consequência, em elementos internos e externos ao texto.

Candido aponta para uma fusão entre texto (estética literária e a autonomia do autor) e contexto (elementos históricos e sociais) como a constituinte da obra literária, cabendo ao pesquisador, portanto, compreender como o contexto social – bem como os aspectos biográficos do escritor – se manifesta na obras. Quanto à literatura e à vida social, cabe, ainda, considerar a inter-relação entre a posição do artista, a configuração da obra e o público (CANDIDO, 2000, p.22-32). A posição do autor aparece como parte da estruturada sociedade e, sendo assim, cabe verificar o papel que aquele ocupa nesta. Este papel irá interferir diretamente na configuração da obra, a qual depende do artista e da sua posição social – sabendo que os valores e ideologias do autor (por exemplo) terão atribuições fundamentais no conteúdo do texto a ser analisado. E, além disso, do mesmo modo que os elementos supracitados, o receptor da obra (sobretudo literária) sofre influências sociais e dá sentido a esta, ligando-a ao seu próprio autor. Cabe destacar que o presente estudo se

utiliza apenas da perspectiva da inserção social do artista (como elemento secundário) enquanto um fator externo que se faz interno no texto, direcionando, portanto, o conteúdo da produção (que é o foco da pesquisa). A recepção do público não adentra os meandros da investigação proposta.

Ainda sobre os elementos do texto:

O diagnóstico deste fator **interno** se dá através do entendimento do conjunto da produção do autor: as temáticas mais abordadas, sua forma de entendimento do tema, sua facilidade – ou não – para mudar de opinião, enfim, sua personalidade literária. Assim, de acordo com os postulados de Antonio Candido, trata-se de uma interpretação profunda da estética que acabou incorporando a ‘dimensão social’ como conteúdo da obra (CAPRARO, 2007, p. 15-16 – grifo do autor).

A produção literária não existe apenas em si ou por si, estando sujeita a interferências do meio no qual o autor se insere e, conseqüentemente, a influências pessoais deste. Assim, a História, sem ser revelada como tal, é o que orienta a visão de mundo do escritor, cuja observação referente ao homem e sua humanidade faz-se perceptível no texto de ficção (CHAVES, 1999). Nesse sentido, a necessidade não de abordar questões estéticas puramente, mas de compreender como os aspectos históricos/contextuais foram expostos esteticamente na obra.

Como aponta Chaves (1999), tais elementos externos, os quais são também elementos contextuais, corresponderiam ao que o autor denomina de “fios subterrâneos”, que acabam por interligar a ficção ao ensaio. Nesse sentido, compreendem-se neste trabalho dois fios condutores das fontes analisadas – o futebol e o mal-estar da civilização. Busca-se, ainda, apoio na noção de “sentimento oceânico” tratada por Freud, ao abordar o mal-estar da civilização (1978).

Freud (1978) aponta que a civilização é em grande parte responsável pela desgraça que acomete a humanidade. Assim, “(...) seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui o fato

incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização” (FREUD, 1978, p. 148). O que causaria a renúncia às pulsões. E o futebol, da mesma forma com que é capaz de gerar ressentimentos, como o de 50, também se estabelecería enquanto uma das estratégias de sublimação designadas por Freud.

Essa sublimação é tratada a partir do “sentimento oceânico” que poderia ser representado pela religiosidade, muito embora tal sentimento não seja um “artigo de fé”, trata-se de uma complexa sensação de “eternidade”, sobre algo ilimitado, sem fronteiras, um vínculo indissolúvel de ser uno com o mundo. O ego, enquanto mediador do id com o superego, originalmente é um elemento só. Na medida em que se transforma, o mundo externo é separado (superego), tendo em vista a necessidade de desviar excitações desagradáveis (sublimação) que surgem do interior. O “sentimento oceânico” remontaria a uma fase primitiva do sentimento do ego, antes da necessidade de sublimar pulsões, o que está relacionado à busca do homem pela felicidade.

Tendo em vista o mundo externo – as exigências do superego –, o homem tenta mais evitar o sofrimento, utilizando-se de elementos social e moralmente permitidos, do que ser propriamente feliz. O indivíduo seria uma vítima da civilização que o obriga a renunciar a todas as suas pulsões e, no sentido de suportar essa constante sublimação de desejos, são necessárias construções auxiliares que permitam lidar com as decepções, sofrimentos e mesmo tarefas impossíveis. Ao tratar desse mal-estar da civilização, Freud (1978) aponta três medidas paliativas que tornariam a vida menos árdua: derivativos poderosos, satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas. Os derivativos poderosos estariam relacionados à atividade científica, ou mesmo à religião, permitindo que o sujeito extraia algo de bom da sua desgraça, podendo gerar as satisfações substitutivas; estas, por sua vez, referem-se a ilusões em

contraste com a realidade, que causam bem-estar (entre estes, pode-se mencionar a literatura e o futebol) e as substâncias tóxicas tornariam o homem insensível às desventuras da vida.

Além dessa batalha entre o ego coerente (consciência) e o reprimido que será expulso dele (inconsciente), Freud (1975) aponta que mesmo no ego há algo de inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido, mas sem o ser, produzindo, desse modo, efeitos sobre os quais o próprio ego não é consciente. Isso justifica o fato de, por vezes, o id não sofrer algumas censuras do superego, acarretando um comportamento que atenta contra algumas regras sociais.

Admite-se que a disciplina História pode se utilizar da Psicanálise não com o intuito de psicanalisar fontes ou sujeitos históricos, mas enquanto um instrumento metodológico, no sentido de fazer uso de alguns dos conceitos que proporcionam descrições precisas dos atos mentais observáveis (GAY, 1989). De acordo com o que aponta Ruth Brandão (1996), a arte literária é um lugar privilegiado em que o inconsciente se encena, constituindo-se por meio da linguagem. Como exposto previamente, a análise literária, proposta aqui, confere não só a realidade histórico-social (contexto), mas também as interferências pessoais/estilísticas do autor (texto), sendo estas últimas carregadas de toda a subjetividade intrínseca ao escritor. E essa é “a grande armadilha da arte literária: a criação de um lugar imaginário que se propõe como real, não o sendo. Mesmo os textos que se pretendem fiéis retratos da realidade são criações, construções que se fazem na linguagem” (BRANDÃO, 1996, p. 34).

Nelson Rodrigues, A Vida Como Ela É... e o jornal Última Hora

O jornal *Última Hora*, onde eram publicados os contos de *A Vida Como Ela É...*, foi um dos meios pelo qual, no início da década de 1950, os antagonismos políticos de Getúlio Vargas adentrariam claramente na imprensa.

Veículos de grande expressão, como *O Estado de São Paulo*, *O Globo* e os poderosos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, colocavam-se contra Getúlio, apoiando a oposição da UDN (União Democrática Nacional), muito embora não aprovassem o extremismo de Carlos Lacerda (SKIDMORE, 1982). O então presidente precisava se defender dos ataques ao seu governo, bem como garantir sua popularidade. Como já era comum as aberturas de crédito a empresas jornalísticas, Vargas encontrou aí a saída que lhe garantiria ao menos um órgão de base popular como seu porta-voz. Nesse sentido, vultuosos e rápidos créditos permitiram que Samuel Wainer fundasse o jornal *Última Hora* – um veículo associado ao então presidente –, que em pouco tempo se destacaria na imprensa carioca e brasileira (SODRÉ, 1999).

Antes de estrear como contista, Nelson Rodrigues se instalou na seção de esportes. Aceito o convite de Samuel Wainer, o autor estrearia na página policial em 17 de setembro de 1951, com uma coluna intitulada *Atirem a Primeira Pedra*, que trazia como subtítulo o complemento “Quase uma experiência espírita”, reunindo comentários “jornalísticos” sobre as notícias (ÚLTIMA HORA, 17 set. 1951, p.6) – tal título e a ideia originais permaneceriam até 15 de novembro do mesmo ano.

A iniciativa de Wainer parecia muito próxima a uma coluna que já existia no jornal² que abordava os crimes que abalaram o Rio de Janeiro, entretanto, Nelson Rodrigues, provavelmente por iniciativa própria, adicionou literatura e ficção à página policial – o que justifica a crônica de (re)abertura em junho de 1952, quando a coluna enfim se denominaria *A Vida Como Ela É*. Nelson retomou o que o jornal *Crítica*, de Mário Rodrigues, já realizava nos fins

² Antes de Nelson Rodrigues iniciar sua coluna, já existia uma com o mesmo intuito: *Crimes que abalam o Rio*, escrita por Josimar Moreira de Melo, com ilustrações de José Geraldo. De acordo com o material da Biblioteca Nacional, pode-se encontrar tal coluna entre os dias 8 e 10 de agosto de 1951, bem como em algumas outras edições esporádicas do *Última Hora*.

da década de 1920, com os relatos literários – e por vezes até fictícios – elaborado pela “Caravana de Crítica” (COELHO, 2004).

Essas matérias em *Crítica* se mostram como esboços do que viria a ser a coluna no *Última Hora*. Em 16 de novembro de 1951, estreava *A Vida Como Ela É...*³ que, de *Atirem a Primeira Pedra*, mantinha apenas a mesma chamada: “Entre drama, tragédia, farsa e comédia”. Nelson continuaria falando de mortes e tragédias, entretanto, já não mais vinculado a crimes a serem noticiados, mas em uma mescla entre a história fictícia e o contexto, definido pela ambientação carioca da década de 1950. Daí o forte vínculo entre seus contos e roteiros. Parece muito provável que o retorno às páginas policiais tenha dado o rumo das “tragédias cariocas” ao dramaturgo, as quais dariam outra direção ao personagem Nelson Rodrigues. *A Vida Como Ela É...* seria, nas devidas proporções, tão dramático como seria o teatro nas páginas do jornal.

Se pensadas as características do gênero conto, assim como toda produção literária, é produto de um trabalho consciente do autor, cuja característica mais particular é o que Edgar Allan Poe denomina de “efeito único” ou “impressão total” (GOTLIB, 1990). O efeito único se refere ao tempo de leitura, que deve ser rápida, atenta e sem interrupções – característica que ‘cai como uma luva’ para a efemeridade do jornal. Nesse sentido, mais do que uma dimensão reduzida, o conto apresenta o clímax, via de regra, em algum lugar antes do final, fazendo com que o texto termine por epílogo ou falsa conclusão.

De acordo com as revisões realizadas por Nádía Gotlib (1990), do Romantismo ao Modernismo, os limites dos gêneros literários se tornam mais tênues, permitindo a possibilidade de mesclar características de diferentes gêneros e, quiçá, romper com a ideia de classificações ou normas. Ora,

³ *A Vida Como Ela É...* permaneceu no *Última Hora* até o mês de agosto do ano de 1961; reaparecendo no jornal *Diário da Noite* (entre setembro de 1961 e julho de 1962), bem como no *Jornal dos Sports*, no ano de 1966 (SOUZA, 2006).

considerando a característica vanguardista de Nelson, pode-se partir da hipótese de que o mesmo caberia ao conto e à crônica, isto é, sem seguir características exclusivas de um gênero ou outro, mas respeitando sua própria: a ficção de mãos dadas com a realidade. Daí as confusões que se refletem na terminologia. Não raro, trata-se *A Vida Como Ela É...* como crônicas, da mesma forma com que, no sentido contrário, o próprio autor irá escrever textos mais próximos da crônica do que do conto – como, por exemplo, o texto tratado anteriormente, em que Nelson conta os primórdios da coluna.

A caracterização do conto, entretanto, não se dá por elementos gerais, como a brevidade e o foco no clímax da ação, mas em como as combinações desses elementos aparecem em cada conto. A necessidade de escrever rápido, no caso de Nelson Rodrigues, diariamente, era interessante chamar a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, manter-se próximo às características do jornal. Logo, a “compactação”, dada pelo uso de poucas personagens e detalhes, parece importante no sentido de manter a produtividade das histórias.

Mas o autor de *Vestido de Noiva* não se restringiria apenas a adaptações no modo de escrever. Entre setembro de 1957 de março de 1958, *A Vida Como Ela É...* se apresentava em capítulos, numa média de cinco a seis, assumindo a característica de folhetim “mais curto”, o que já não exigiria que o autor criasse novas histórias de um dia para o outro. Além disso, alguns de seus contos se apresentam com o mesmo título, porém com histórias distintas; ou, por outra, o mesmo texto é publicado duas vezes, com títulos diferentes. Tal é o caso, por exemplo, de *O Netinho*, publicado pela primeira vez na página 8 do dia 17 de setembro de 1952 e, três anos depois, na página 6 do segundo caderno do dia 1º de novembro, sob o título de *O Jogador*. Ou, ainda, *O Chantagista*,⁴ que aparece na página 9 do dia 06 de agosto de 1960, com o título *As Cartas*.

⁴ Não foi possível encontrar este conto no acervo da Biblioteca Nacional, haja vista a falta de algumas páginas e até meses do jornal *Última Hora*. Entretanto, a hipótese é a de que tenha sido publicado ainda na década de 1950.

Pois bem, na vida, como ela é, não existem apenas repetições, adultérios, obsessões e mortes. Há, também, mesmo que sem compromisso, o contexto “leve” – ao modo rodrigueano –, do qual faz parte o futebol. Não se pode esquecer que o autor era, também, um cronista esportivo e, como tal, deveria atentar para os acontecimentos dos gramados e arquibancadas. Somado a isso, segundo Magaldi (2010), é possível perceber por meio dos roteiros rodrigueanos (SANTOS, 2012), uma determinada aversão à realidade, o que não é diferente nos contos e crônicas. Daí o exagero literário com requintes tão estéticos que se aproximam da ficção, que neste caso seria o futebol como maior que os problemas sociais, em um período em que o esporte em si não era reconhecido como um assunto “sério”, muito pelo contrário, não raro alguns literatos não o consideravam um assunto sério exatamente porque o ignoravam. É o caso de Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado, o grupo intelectual da USP – Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, Florestan Fernandes, Otavio Ianni e o próprio Antonio Candido. Na literatura – Érico Veríssimo (embora o filho venha a gostar do futebol), José Mauro de Vasconcelos (Meu Pé de Laranja Lima), Antonio Callado (Quarup), entre vários outros.

Sob estas perspectivas, a crônica esportiva (via de regra, futebolística) desenrola, sobretudo nas décadas de 1940 e 50, um alinhamento freyreano no que diz respeito à relação entre o futebol e a identidade nacional.⁵

Um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira que antes causava vergonha, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Mário Filho, ao tratar do negro no futebol brasileiro, não disseminou apenas a tese freyreana, mas também, e, principalmente, o *freyrismo popular* (SOARES, 2001).

⁵ Uma reflexão mais aprofundada a respeito de tais relações está disponível na dissertação de mestrado: (SANTOS, 2012).

Entre os principais literatos freyreanos, além de Mário Filho, estão José Lins do Rego e, por maior influência daquele, Nelson Rodrigues. Estabelecendo-se a crença em uma característica tipicamente brasileira ao jogar futebol, baseada na agilidade e improvisação, que diferenciava os jogadores nacionais dos demais, enaltecendo a mestiçagem e malandragem.

Retornando ao embasamento do estudo de Capraro (2007), infere-se que a essência da unidade desses intelectuais era, sobretudo, afetiva. Assim como José Lins – que trocava cartas com Gilberto Freyre –, Mário Filho mantinha uma relação muito próxima ao intelectual, chegando a adaptar sua narrativa acerca da ascensão do negro por meio do futebol à teoria freyreana. Em “O Negro no Futebol Brasileiro”, de 1947, Mário Filho estabelece uma interpretação da tese de Freyre, culminando com o que seria, tal como aponta Soares (2001), um *freyrismo popular*, ao defender que no Brasil as relações entre negros e brancos seria pacífica, não havendo, portanto, racismo. Além disso, conta-se com pistas como as declarações públicas de afeto de Nelson Rodrigues a Mário Filho, conferindo-lhe a imagem de grande homem da imprensa esportiva... “Eis o papel do meu irmão Mario Filho, diretor de ‘Jornal dos Sports’: – o de criador dos fatos. (...) Que fez Mario Filho, no fabuloso mundo dos esportes? Criou seus fatos próprios, seus assuntos exclusivos” (RODRIGUES, 13 set. 1955, p.8).

É a partir de tais vínculos – em especial os estabelecidos com o próprio irmão, Mário Filho – que Nelson Rodrigues expõe o futebol em seus contos: utilizando-se dos modelos expostos em suas crônicas esportivas, no sentido de criar personagens cujas vidas fictícias representassem uma íntima relação identitária com o futebol.

O futebol como ele é em Nelson Rodrigues

O adultério é um tema recorrente nos contos de *A Vida como Ela É...*, enquanto um ponto de partida para as clássicas tragédias rodrigueanas,

símbolos do autor e, não raro, a traição conjugal vinha atrelada ao futebol.⁶ Nelson Rodrigues buscava se pautar no conflito entre nação e indivíduo, ocasionado pela incompatibilidade entre os desejos intrínsecos de seus personagens e o que a vida em sociedade lhes exige. Na teoria psicanalítica, sob a perspectiva de Freud, o inconsciente – isto é, aquilo sobre o que não se tem controle nem conhecimento – se sobrepõe ao consciente, o qual está ligado ao ego do indivíduo e, portanto, busca seguir uma organização coerente dos processos mentais. Ora, uma vez que o inconsciente se sobrepõe ao consciente, mas é constantemente reprimido por este, conta-se com o mal-estar social, que seria o principal responsável pelas extrapolações das personagens rodrigueanas (SANTOS, 2012).

Em *O velho brasileiro*, de 1959, a história que envolve o enlace do brasileiro naturalizado uruguaio, Guillermo Perez, com a brasileira Dórinha, representa o que seria uma resposta à derrota de 1950, para o Uruguai, no Maracanã.

A breve narrativa se pauta na virilidade que o homem uruguaio faz questão de exibir, a começar pelas vésperas de seu casamento com Dórinha, ao relatar que a característica comum aos homens de sua família é a “sabedoria amorosa”. Contou, então sobre a lua-de-mel de seus pais, alegando que o casal, inclusive, precisara tomar soro, tamanho o dispêndio de energia dos então recém-casados. Mas a verdadeira surpresa do casamento de Dórinha e Guillermo estava por vir, concomitantemente ao jogo entre Uruguai e Brasil, pelo Campeonato Sul-Americano, em Buenos Aires.

Tudo ia bem, até que Guillermo inicia uma série de ataques ao Brasil e, no ápice de sua irritação com a equipe que vencía o Uruguai, exclamou: “–

⁶ De acordo com o acervo da Biblioteca Nacional – investigado em junho de 2011 –, dos milhares de contos publicados entre 1951 e 1961, em apenas 22 o futebol é mencionado. Desses 22, a maioria expõe algum tipo de relação entre o esporte e o adultério. Há de se considerar as páginas, dias e mesmo os meses que, temporariamente ou não, faltavam ao acervo.

Brasileño no es hombre!” (RODRIGUES, 30 mar. 1959, p.8), cuspiendo por cima dos ombros. Dórinha resolve, então, trair o marido com um viúvo que morava no mesmo prédio e, ao retornar para casa, justificou para Guillermo: “— Fica sabendo que até o velho brasileiro é homem pra chuchu!” (RODRIGUES, 30 mar. 1959, p.8).

Dias antes da escrita do conto, a 26 de março de 1959, realizara-se em Buenos Aires o fatídico jogo entre Uruguai e Brasil, pelo Campeonato Sul-Americano. O selecionado brasileiro, já campeão do mundo (1958), vencera a Celeste por três gols a um e, não bastasse tal resultado, os jogadores de ambas as seleções se enfrentaram fisicamente, o que romperia com a “frouxidão” nacional diante do estrangeiro, engasgada desde 1950.

Nelson Rodrigues aponta, sob o exagero literário também presente em suas crônicas, as benesses daquela violenta vitória.

Amigos, vocês se lembram da vergonha de 50. Foi uma humilhação pior que a de Canudos. O uruguaio Obdulio ganhou de nosso escrete no grito e no dedo na cara. Não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio — é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas.

Pois bem. Depois da experiência bíblica de 50, passamos a rosnar, por todas as esquinas e por todos os botecos do continente, o seguinte juízo final sobre nós: — “O brasileiro é bom de bola, mas frouxo como homem”. É o que diziam, sim, de nós, com feroz sarcasmo, os craques da Argentina e os craques do Uruguai. Até que vem aquele famoso Campeonato Sul-Americano de 1959. Há o jogo Brasil x Uruguai. E, de repente, estoura um sururu monstruoso. Brigaram até as cadeiras (RODRIGUES, 1993, p.114).⁷

O Brasil já era campeão da Copa do Mundo e, portanto, já havia mostrado sua superioridade futebolística. Entretanto, a derrota de 1950 para o Uruguai, jogando no estádio do Maracanã, ainda precisava ser superada. Nesse sentido, o revanchismo é colocado, no conto em questão, enquanto elemento necessário, estabelecendo-se como ferramenta para um bem maior – a defesa

⁷ Originalmente em: “Divino Delinqüente”. *O Globo*. 18 nov. 1963.

da hombridade do brasileiro. Hombridade esta que foi manchada na final da Copa de 50 e que, por isso, precisava ser constantemente reafirmada.

O jogo pelo sul-americano, também como a traição exposta no conto, retrata a vingança do brasileiro, pois, para Nelson, “há uma nítida relação entre a passividade de 50 e a agressividade do tal Sul-Americano. As duas coisas estão ligadas e uma justifica a outra” (RODRIGUES, 1993, p.114). Logo, não fosse o polêmico tapa de Obdulio Varela em Bigode (RODRIGUES FILHO, 1964) somado à excessiva submissão nacional, que acarretou a derrota estrondosa retratada pelos cronistas, a simples vitória futebolística seria suficiente. Desse modo, a vingança de Dórinha representaria o modo com que o brasileiro deveria se comportar ao ser subjugado, ou seja, neste caso se trataria não de uma vingança, mas de uma reação – justa e justificável: Dórinha traiu o marido para não trair a pátria.

Ora, partindo da perspectiva de Nelson Rodrigues, de que o selecionado representaria “a pátria em chuteiras”, isso significaria dizer que tudo o que acontecesse em campo, em tese, também acometeria os espectadores – e mesmo aqueles que nada entendiam sobre o esporte. A população brasileira seria, psiquicamente, tão derrotada quanto os atletas. É certo que se está utilizando de um excerto de crônica publicada 13 anos após a derrota de 1950, entretanto, não se pode desconsiderar que, já desde a década de 50, havia um esforço obtuso, por parte também de Nelson, em relacionar a figura da seleção de futebol à nação brasileira. Não obstante, Mário Filho, sob toda a exagerada estética literária – que parece comum aos Rodrigues –, descreve que, ao término do jogo de 16 de julho de 1950, podiam-se ouvir “gritos de viúvas sicilianas” (RODRIGUES FILHO, 1964, p.335), tamanha a frustração do povo brasileiro.

Nelson Rodrigues retoma tal derrota de maneira obsessiva mesmo nos momentos de triunfo...

O revés de 50, como se sabe, cravou na nossa carne e na nossa alma uma dor-de-cotovelo imortal. A partir de então, a torcida passou a tratar o escrete a pontapés. O que sucedeu aqui, com a presente seleção, é típico. Por exemplo: – vencemos o Paraguai de cinco. Banho completo, que não comportava o menor sofisma ou restrição. Pois bem. O público saiu, esbravejante, do estádio. Todo o mundo rosnavava, descendo a rampa: – “Estou decepcionado!” E eu confesso: – nunca vi um escrete ser injustiçado de uma maneira tão cruel e tão vil. A verdade é que o torcedor patricio, por uma enfermidade emocional que data de 50, está com suas reações erradas: – chora com a vitória e ri com a derrota (RODRIGUES, 2007, p. 389-390).⁸

E mais ainda nas derrotas, quando amenizava a frustração com a derrota em 1950:

Amigos, eis 80 milhões de brasileiros numa humilhação feroz. Eu diria que a vergonha de 50 foi mais amena, mais cordial. Naquela ocasião, não tínhamos o bicampeonato. Ainda não se instalara em nosso futebol o mito Pelé. Ah, o brasileiro de 50 era um humilde de babar na gravata. Quando passava a carrocinha de cachorro, cada um de nós tinha medo de ser laçado também. Mas hoje, não. Ou por outra: – até ontem, o brasileiro poderia avançar até o limite extremo da ribalta e anunciar, de frente erguida: – “Sou bicampeão”. E de repente, o duplo título começa a ficar antigo, obsoleto, espectral, como se não significasse mais nada (RODRIGUES, 1993, p.150).⁹

Considerando tais elementos, podem-se perceber dois aspectos distintos, porém relacionados, em *O velho brasileiro*. Primeiramente, já ao descrever as personagens, Nelson questiona a nacionalidade de Guillermo ao afirmar que, “segundo alguns” (RODRIGUES, 30 mar. 1959, p.8) – isto é, não se sabe quem nem quando –, o uruguaio seria, na verdade, um brasileiro naturalizado, ou seja, um brasileiro que virou as costas para seu país e, agora, beijava a camisa azul celeste. Ora, ao reconstituir o tratamento dos uruguaio aos brasileiros, em 50, sob a sua própria razão, o dramaturgo insinua que, mesmo um pseudoestrangeiro – quer dizer, o próprio brasileiro – pisoteava a hombridade nacional. Nelson retoma, assim, a noção de complexo de viralatas desenvolvida em suas crônicas esportivas, só que, neste caso, o autor trata do complexo não de maneira direta, mas por meio de Guillermo, que

⁸ Originalmente: Meu personagem da semana – Mazzola, *Manchete Esportiva*, 07 jun. 1958.

⁹ Originalmente: A vergonha, *O Globo*, 20 jul. 1966.

seria uma caricatura do recalcado povo brasileiro antes da vitória do Campeonato de 1958, quando o próprio brasileiro se desacreditava. Fala-se em caricatura, pois Guillermo não se considerava um vira-lata: na sua condição de uruguaio naturalizado, já não se considerava sequer um brasileiro.

O outro aspecto que vem a corroborar com o “anticomplexo” de vira-latas, é a traição de Dórinha, consumada com um velho brasileiro. A esposa, ao se sentir tratada como uma vira-lata – “brasileño no és hombre” (RODRIGUES, 30 mar. 1959, p.8) –, rejeita o tratamento, ao trair o marido. Nelson mostra, sob a figura de Dórinha, o homem brasileiro campeão do mundo, o qual não só é capaz de vencer a seleção uruguaia, como também de revidar a hostilidade. O revide, no conto rodrigueano, se dá por meio do adultério, sem a atribuição de valoração moral, pois o “trair” em questão significava apenas “reagir” e, no caso específico deste conto, a traição seria uma forma de catarse, já que proporcionaria o alívio da tensão provocada pelo marido. São os elementos da crônica esportiva exemplificados por meio das personagens rodrigueanas.

No caso em questão, depara-se com um ressentimento ora superado, ora agravado, pela não vitória sobre o Uruguai. Essa obsessiva repetição poderia ser pensada enquanto uma aproximação ao trauma, no sentido de dominar o desprazer de 1950.

Percebe-se, assim, que a tendência a repetir o trauma estaria, de algum modo, em consonância com o princípio do prazer, pois que sua função consistiria em reproduzir a condições pra uma descarga de energia acumulada no interior do aparelho, preparando-o para o controle da situação, e restaurando os canais ou vias adequados de escoamento, perturbados e avariados pelo inesperado e transbordante afluxo de energia (GIACCOIA, 2008, p. 41).

Esse esforço catártico ou, nos termos freudianos, de sublimação, bem como o ressentimento expresso em *O velho brasileiro*, é representado por Nelson Rodrigues enquanto um sentimento coletivo, do “homem brasileiro”,

consequentemente, de identidade nacional.¹⁰ O autor expõe a máxima de que o país como um todo deposita suas expectativas no esporte e sofre quando este vai mal, afinal, o futebol figurava enquanto o local primeiro em que a população se acharia bem sucedida.

Diante desse contexto, o futebol, enquanto assunto corriqueiro e preocupação introjetada no cotidiano popular masculino, na década de 1950, é tratado como o principal responsável pelo desencadeamento da série de desventuras súbita que acomete as personagens. Como principal vínculo da trama ao contexto, o esporte, na obra de Nelson, curiosamente muda a vida das pessoas. Ora, para Nelson Rodrigues, a paixão pelo futebol, ou pela pátria representada por chuteiras, seria capaz de unir as pessoas e, ao mesmo tempo, era destruidora de laços afetivos, como o de Dórinha e Guillermo.

No sentido do esporte enquanto uma medida de sublimação das tensões cotidianas, pode-se retornar à vitória em 1958,¹¹ com *O pileque*. Como que dando continuidade ao desfecho do campeonato mundial, o autor de *Vestido de Noiva* insere uma nova história no contexto da final. Desta feita, o desfecho de sangue e ódio é evitado pela vitória brasileira.

Pois bem. Moema, esposa de Oliveira, passaria um mês em Petrópolis. Oliveira voltou antes para acompanhar a decisão do título, pois no Rio tinha a sensação de estar mais perto da Suécia e do *escrète*. Moema ficou em Petrópolis, porque não gostava de futebol. Acontece que o amigo de Oliveira, Radagazio,

¹⁰ Ortiz (1994), ao tratar das diferentes abordagens dadas à identidade nacional, variando no decorrer de períodos distintos, estabelece dois aspectos importantes que determinariam o conceito da identidade brasileira: o regime político e a interpretação do autor. Ora, a identidade nacional seria, portanto, correspondente a propostas e ideologias do regime vigente; entretanto, ao mesmo tempo, estaria sujeita ao modo com que cada autor – intelectual ou literato – se posiciona diante de tais ideais. Nesse sentido, pode-se dizer que a identidade nacional, segundo Nelson Rodrigues, se estabelece como uma interpretação dos preceitos de Gilberto Freyre, proposta por Mário Filho. Mesmo que não referenciasse suas obras, de maneira explícita, Nelson era partidário do enaltecimento do homem brasileiro que, para ele, tinha no mestiço a perfeita representação.

¹¹ Sobre a vitória no Campeonato de 1958, Nelson Rodrigues dedicou pelo menos mais um conto, *O Pileque*, publicado em 05 de julho de 1958.

diz tê-la visto num táxi com um sujeito. Enfurecido, Oliveira expulsa o amigo ao ouvir a insinuação, entretanto, ordena que a esposa volte. Ela reluta, mas combina de chegar no dia seguinte. Enquanto isso, Oliveira fica na rádio para ouvir se Vavá vai jogar ou não. Oliveira “Não sonhou com a infidelidade da espôsa, mas com o jôgo. E o pior que o Brasil perdia de 1x0. Acordou numa angústia intolerável” (RODRIGUES, 05 jul. 1958, p.8).

A esposa chega no momento do jogo e Oliveira não desgruda do rádio.

Moema nunca lhe parecera tão infiel, tão adúltera. Disse, entre dentes: – “Você não perde por esperar!”. Mas continua o jôgo: – empate. (...) E, depois, o Brasil não parou mais: – 2x1, 3, 4x2 e, finalmente, 5x2. O locutor desgrenhava-se todo, no berro: – “Brasil, campeão do mundo!”. Como um louco êle corre, apanha o revólver, sobe para a varanda e, lá, despeja os seis tiros, para o alto, na celebração do triunfo. Em seguida, joga a arma no terreno baldio, ao lado. Desce, entra, agarra a mulher, dá-lhe um beijo na boca, soluçando:

– Campeões! Somos campeões!

Tomou, com a mulher, um pileque tremendo (RODRIGUES, 05 jul. 1958, p.8).

Aproximando-se da crônica esportiva, Nelson já não tratava da expectativa de ser campeão, mas do desejo consumado, o que resolvia o complexo de vira-latas em um instante, após a longa espera remoendo a frustração de 1950. Pois bem, diante do que representaria o fim da submissão voluntária do brasileiro em relação ao estrangeiro, qualquer aspecto da vida individual, sob a ótica do cronista Nelson Rodrigues, estava fora de questão. A suspeita da traição de Moema se anulava¹² pela magnitude das implicações que a conquista da taça Jules Rimet representava ao Brasil (ROUDINESCO; PLONN, 1998).

¹² Segundo Freud, por meio da anulação é possível que, não as consequências de um acontecimento, mas a própria experiência seja suprimida, simplesmente pelo fato de não se estar preocupado com a sua ocorrência ou com suas implicações. Na neurose, tal tentativa se estabelece de maneira forçada para anular o próprio passado. “O empenho para ‘anular’ uma experiência traumática é muitas vezes revelado como uma força propulsora de primeira ordem na criação de sintomas” (CUNHA, 1978, p.17).

No mesmo dia, Nelson publicava em *Manchete Esportiva* uma crônica, também a respeito da conquista do título, na qual extravasa a euforia que lhe acomete enquanto cronista:

Pois nós sabemos que nenhum escrete levanta um campeonato do mundo sem extraordinárias qualidades morais. De nada adiantará o futebol se o homem não presta. O belo, o comovente, o sensacional no triunfo de ontem está no seguinte: – foi, antes de tudo, o triunfo do homem (RODRIGUES, 1993, p.70).¹³

Nelson enaltece os heróis da seleção, alegando que todos mereceriam ser seu personagem da semana, e destaca, sobretudo, a garra, a raça, a paixão e a ginga que faltaram em 1950, contra o Uruguai. O homem brasileiro triunfava sobre a recorrente inferioridade que lhe acometia. É sob esta perspectiva que os personagens rodrigueanos do conto se comportariam: consolidando o ideal, veiculado na crônica, de que o futebol seria um elemento genuinamente brasileiro e legitimador da identidade nacional.

Mas nem todos os personagens se comportariam de tal maneira. Nelson Rodrigues reserva às personagens femininas¹⁴ o total alheamento quanto ao que o selecionado brasileiro representava à nação. A mulher parece estar excluída desse processo de formação e consolidação identitária. Nos contos apresentados, em especial os datados de 1958, elas simplesmente ignoram os jogos da seleção em um momento deveras decisivo – talvez considerado pelo autor como o ápice e redenção histórica do homem brasileiro. A tentativa de traição exatamente no horário da final da Copa do Mundo, entre Brasil e Suécia, poderia ser também, metaforicamente, uma traição à pátria e apanhar do amante era uma punição condigna.

¹³ Originalmente em: “O Triunfo do Homem”. *Manchete Esportiva*. 05 jun. 1958.

¹⁴ Não é o objetivo do presente texto refletir acerca das questões de gênero. Todavia, há de se destacar que, para Nelson Rodrigues, a noção de identidade nacional, vinculada ao futebol, estava mais diretamente relacionada ao público masculino.

Nos contos de *A Vida Como Ela É...*, o futebol é elemento multifacetado que muda a vida das pessoas, pois, enquanto uma válvula de escape ao problemático cotidiano masculino, ele tem o mesmo peso das situações da vida real. Desse modo, na mesma proporção em que aproxima indivíduos pela paixão, pode afastá-las pela discordância. Afinal, é o esporte que atua, indiretamente, nas tomadas de decisão, traçando os conflitos, os apaziguamentos e mesmo possíveis redenções.

Tal como aponta Antunes (2004), ao tratar da identidade nacional, Nelson compartilhou da tese de Freyre, entretanto, ao contrário de Mário Filho, sua preocupação não estava diretamente voltada a uma matriz teórica, mas à plástica do jogo que podia ser dramatizado na narrativa e redefinido. Diferentemente de seu irmão, o autor de *Anjo Negro* não era engajado no jornalismo esportivo: o futebol estava preso a uma rotina repetitiva demais para Nelson, o que, de certa maneira, fez com que, ao contrário de José Lins do Rego, por exemplo, “reinventasse” o esporte. “Nos textos de Nelson Rodrigues o futebol se dramatiza, algumas vezes chegando até a ficar épico” (CAPRARO, 2007, p.283), todavia, mesmo voltado a questões estéticas, Rodrigues construiu uma interpretação de brasilidade, amplamente difundida nos diferentes setores sociais, haja vista o alcance das crônicas, direcionadas a uma gama variada de leitores.

Considerações Finais

Com base nas fontes analisadas, pode-se pensar os contos rodrigueanos, assim como o restante de suas produções (SANTOS, 2012), enquanto uma maneira de tornar a realidade suportável, vendo no exagero das desventuras cotidianas um meio para tal. Entre tantas tragédias (re) inventadas,

o futebol seria onde os personagens encontrariam certa satisfação, que amenizasse o atribulado cotidiano.

O dramaturgo, notavelmente, mantinha laços estreitos com Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mário Filho, sendo os dois últimos grandes disseminadores de um ideal de brasilidade pautado no futebol, com base na proposta cultural de Freyre. Todavia, Nelson – um admirador contumaz do irmão Mário Filho – era um apaixonado pelo esporte e suas dramatizações eram exasperadas como as de um torcedor.

Sob o respaldo de *O Negro no Futebol Brasileiro*, Nelson Rodrigues desenrola a postura de torcedor. E é nesse sentido que o autor desenrola o complexo de vira-latas, o qual, embora o termo tenha sido elaborado apenas em 1958, inicia-se na derrota de 50 e deixa de existir em 1958. A paixão rodrigueana, exposta enquanto uma paixão coletiva, não admitia o fracasso, mas, ao mesmo tempo, apoiava a seleção a cada Campeonato Mundial, independente do resultado da competição anterior, demonstrando uma constante ambivalência quanto ao selecionado.

Essa falta de tolerância à derrota esportiva, bem como a importância do futebol na vida da população, ultrapassa os limites da crônica esportiva (ANTUNES, 2004; MARQUES, 2000) e se repete nos contos de *A Vida Como Ela É...*, entretanto sob a forma de narrativas que exemplificam a crônica. Os personagens da semana dão lugar às figuras dramáticas e o autor já não discorre, diretamente, sobre o problema da inferioridade que assola os brasileiros, mas insere este e outros aspectos esportivos – com reflexos sociais – como parte da trama. O homem seria um apaixonado pelo futebol e este, de maneira geral, aparece como uma medida paliativa que torna a vida menos árdua. Todavia, ao mesmo tempo, o brasileiro figurava enquanto um ressentido pela derrota para o Uruguai, retomada mesmo após a conquista da Copa do Mundo de 58 e intensificada nas derrotas.

Sob a noção do que seria um “sentimento oceânico”, Freud (1975) trata de um rompimento dessa fronteira entre o ego e o objeto, remontando a fase primitiva do ego, quando não havia a necessidade de desviar as excitações intrínsecas (id). Desse modo, o sentimento oceânico seria atingido por meio de medidas auxiliares de prazer (catárticas), entre as quais se podem estabelecer as satisfações substitutivas, representadas pelo futebol. Rodrigues aponta para um mal-estar na civilização ocasionado pela constante renúncia aos desejos do id, e o futebol seria, então, um prazer substituto a essas repressões.

Porém, enquanto elemento de satisfação, o esporte é levado a sério e os desdobramentos no campo extrapolam as quatro linhas, interferindo na vida dos torcedores, cujo humor estava diretamente relacionado aos resultados do jogo, os quais, por consequência, direcionavam as tomadas de decisão, para bem ou para mal. Deste modo, os personagens rodrigueanos se ligavam ao futebol como a única coisa que ia bem em suas vidas, o que acarreta as trágicas atitudes quando mesmo este dava errado, isto é, quando os times do coração, ou mesmo a seleção brasileira, perdiam, não havia mais nada a se perder – a não ser a chance de desencadear uma briga, uma separação ou uma vingança.

O futebol é também causador desse mal-estar coletivo, sobretudo, pelas derrotas em Copas do Mundo – sendo a mais lembrada, a de 1950 –, quando ressurge o drama brasileiro do sentimento de inferioridade, do viratismo descrito por Nelson. Dessa forma, o futebol transita, facilmente, entre as noções de paixão e ressentimento; ora se aproximando do prazer de torcer pelo selecionado nacional, ora se aconchegando nos laços do desprazer, representado pelo apreço pela destruição.

Referências

- ANTUNES, F. M. R. F. *“Com Brasileiro Não Há Quem Possa”*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- BRANDÃO, R. S. *Literatura e Psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Quatro, 2000.
- CAPRARO, A. M. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Curitiba, 2007. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2007.
- CHAVES, F. L. *História e Literatura*. 3.ed. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1999.
- COELHO, C. *O Baú de Nelson Rodrigues: os primeiros anos de crítica e de reportagem (1928-35)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CUNHA, J. A. *Dicionário de Termos de Psicanálise de Freud*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- FREUD, S. *Cinco Lições de Psicanálise: A História do Movimento Psicanalítico; O Futuro de uma Ilusão; O Mal-Estar na Civilização; Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FREUD, S. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- GAY, P. *Freud para Historiadores*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GIACOIA, O. *Além do Princípio do Prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1990.
- MAGALDI, S. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MARQUES, J. C. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- ORTIZ, R. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES FILHO, M. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (1ª edição: 1947).
- RODRIGUES, N. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- RODRIGUES, N. *As Cartas*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 06 ago. 1960.
- RODRIGUES, N. *Meu irmão Mario Filho*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 13 set. 1955.
- RODRIGUES, N. Não tenho culpa que a vida seja como ela é. Jornal Última Hora, 13 jun. 1952. In: RODRIGUES, N. *Não tenho culpa que a vida seja como ela é*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. p.8-13.
- RODRIGUES, N. *O Netinho*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 17 set. 1952.
- RODRIGUES, N. *O Pileque*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 05 jul. 1958.
- RODRIGUES, N. *O velho brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 30 mar. 1959.
- ROUDINESCO, E.; PLONN, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SANTOS, N. *Freud explicaria isso? Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-1970)*. Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2012.
- SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930- 1964)*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. In: *Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2001.
- SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n.1, p. 129-144, 2003.
- SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, M. F. P. S. F. *Nelson Rodrigues – inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do Anjo Pornográfico*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Letras) – UFRJ, 2006.
- ÚLTIMA HORA. *Atirem a Primeira Pedra*. 17 set. 1951.